

Uma incômoda tentativa de ser agradável

“Não sei quantos nomes existem para os chatos, no entanto, a palavra pentelho me parece bastante sincera”, afirma o psicanalista José Luiz Caon. Ele não acredita que exista um chato por escolha, porém quanto mais esse indivíduo procura ser agradável, pior a situação fica: “É como se alguém quisesse apagar um incêndio com um balde de gasolina”.

Caon lembra que cada chato torna-se brilhante na medida em que descobre sua própria chatice. Segundo o psicanalista, o chato está sempre querendo se fazer presente, só que tem uma forma desafortunada de seduzir, que depõe contra ele mesmo. E quanto mais busca companhia, mais é rejeitado. “É um desesperado que desespera os que o cercam”, ressalta.

As reclamações de quase todos os chatos, em geral, nem são em cima do que pedem, mas funcionam como um chamariz para sua figura. De acordo com Caon, a chatice, pode ser um pedido de amor e carinho tão desastrado que acaba por ser rejeitado.

O perfil psicológico de um chato está quase sempre baseado no seu desesperado desejo de ser ouvido, visto ou amado. Imune às chatices alheias é capaz de resistir a má conversa ou ao silêncio. É de sua natureza não chatear-se. A sua perfeição maior será charmosa, indica Caon, já que conseguirá carregar consigo tanto chatice junta.

Medir a chatice é um tanto difícil, mas se possível for, a medida a ser usada, possivelmente, contará com subunidades e múltiplos do Ch, como decichato, centichatos, milichato, decachato, hectachato, quilochoato e magachato.

E a chatice pode não ter barreiras. Caon conta a história de um sujeito muito brincalhão que morreu e foi direto para o céu. Lá chegando, achou São Pedro muito formal e pediu para ir para o inferno. Abandonado, ele viu uma grande figura se aproximar. Pensou, “será o diabo?”, mas logo a pessoa identificou-se, era Deus. Ao questionar o motivo pelo qual o homem gostaria de se mudar do céu, Deus escutou como resposta: “É que aqui só tem chatos”.